

Empresários já refazem previsões

"A inflação no próximo ano deverá se situar entre 80% a 100%", essa é a previsão do superintendente do Grupo OK, Luiz Estêvão de Oliveira Neto, que considera uma aberração o nível atual de 180%. Aliado a este fator e depois dos acertos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Clube de Paris, que afastaram o fantasma de uma moratória, ele prevê, "um crescimento, mesmo modesto, para a economia brasileira em 1984, que será sentido somente a partir do segundo semestre porque em economia a relação de causa e efeito não é muito rápida".

Luiz Estêvão defende a necessidade indiscutível do governo pressionar, por todos os meios disponíveis, a baixa das taxas de juros no mercado interno. Ele lembra que um dos fatores que contribuíam para a elevação das taxas era a demanda do próprio Governo por recursos para financiar o déficit público, mas no próximo ano, explicou, com o aumento da arrecadação, cabe ao Governo conter suas despesas e com isso diminuir a pressão sobre o mercado financeiro. E preciso destacar, afirmou, que uma parte substancial dos gastos públicos foi eliminada com o brutal redução dos subsídios concedidos à agricultura.

Embora não aceite que o classifique de otimista, o empresário Luiz Estêvão está prevendo para 1984

uma retomada do desenvolvimento. Em seu ramo de atividades, por exemplo, suas previsões indicam um crescimento de 12% na demanda por pneus e de 8% a 10% na demanda por automóveis e caminhões. Na área da construção civil, ele também prevê uma recuperação, especialmente, em Brasília, com a decisão da Caixa Econômica Federal em liberar recursos da ordem de quatro milhões de UPC's (1 UPC vale hoje Cr\$ 5.897,49), o que deve ser suficiente para dar um impulso bastante razoável ao setor. Além disso, explicou, todos os problemas que existiam de reestruturação do sistema financeiro da habitação em face da nova realidade da economia brasileira, já foram equacionados.

Luiz Estêvão não endossa o movimento que se observa entre alguns empresários brasileiros com vistas a extinção do sistema de correção monetária. Ele entende que num País com inflação elevada, como no Brasil, a correção monetária permite uma convivência menos dolorosa com a inflação, "mas o problema é que ela acaba tornando a inflação um fato natural e aí, então, a correção monetária se torna um instrumento perigoso".

"Acredito, continuou, que num regime de inflação baixa a correção monetária se tornará desne-

ARQUIVO/CB



Luiz Estêvão

cessária. Reconheço que o perigo da indexação excessiva é que ela pode dificultar o próprio combate à inflação, mas extinguir agora a correção monetária seria um mal muito maior". O superintendente do Grupo OK não apóia, também, as iniciativas de expurgo da correção monetária porque, na sua opinião, "ou ela é real ou não existe".

Apesar de empresário, Luiz Estêvão não defende a atual política salarial porque "ela reduzirá o poder de renda da classe média, mo-

dificando a atual estrutura de consumo, e aumentará a carga tributária em cima da iniciativa privada. Isso elevará o poder de intervenção do Governo, que já domina quase 80% da economia nacional. Trata-se, na prática, de uma presença sufocante".

Na sua opinião, a nova lei salarial (Decreto-lei 2.065) não terá nenhuma importância numa economia em crescimento, pois o que é mais importante são as leis de mercado. Não há lei governamental, enfatizou, capaz de se sobrepor a uma lei de mercado. No momento que se conseguir a retomada do desenvolvimento econômico teremos como consequência uma reativação da pressão da demanda. Nessas circunstâncias o assalariado passará a receber melhores salários independentemente de qualquer lei salarial.

Além de atuar na área de pneus, construção civil e no mercado financeiro, o Grupo OK se dedica, também, à agricultura em uma propriedade de 6.500 hectares, no Distrito Federal, a 38 quilômetros do Plano Piloto de Brasília.

Por isso, Luiz Estêvão se considera com autoridade suficiente para advertir ao Governo dos riscos de se retirar completamente os subsídios concedidos ao crédito rural, como está sendo previsto para a próxima safra (1983/84).